

**I ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
10 ANOS DE REVISTA INTERNACIONAL - RIFP
Itapetininga, São Paulo, 23 de maio de 2026**

**FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE E INDÚSTRIA
CULTURAL: MANUAIS DE ROTEIRO DE CINEMA COMO
DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS**

Guilherme Völker Roza¹
Daniela Aparecida Vendramini-Zanella²

Introdução

O presente trabalho discute os efeitos pedagógicos dos manuais de roteiro de cinema na formação estética de sujeitos envolvidos em processos educativos, especialmente professores em formação ou em exercício, quando se considera a linguagem audiovisual como dimensão relevante das práticas pedagógicas contemporâneas (Rojo, 2012). Para isso, retoma-se a análise discursiva realizada por Roza (2024) sobre excertos de dois manuais amplamente difundidos: “Story”, de Robert McKee (2006), e “Manual do Roteiro”, de Syd Field (2001). Em seguida, reflete-se sobre as consequências do discurso identificado nesses textos para a potência criadora dos sujeitos em formação estética, a partir da perspectiva sócio-histórico-cultural (Silva; Magiolino, 2024) e da Análise do Discurso francesa (Orlandi, 2015; Pêcheux, 2014; Freire, 2021).

Ao tomar os manuais como objeto de análise, pretende-se compreender como determinados materiais formativos ensinam modos de narrar, valorar, organizar e legitimar experiências estéticas. A discussão interessa à formação docente porque professores também mediam práticas de leitura, produção e apreciação de linguagens audiovisuais em contextos escolares e formativos.

Este trabalho dialoga com o campo dos estudos sobre roteiro, especialmente com pesquisas voltadas ao papel dos manuais na indústria cinematográfica. Além dos efeitos pedagógicos de padronização das técnicas narrativas já documentados, examina-se como um discurso mais amplo sobre os recursos audiovisuais do cinema insere-se nesses materiais e quais implicações isso produz para a formação dos sujeitos, segundo uma perspectiva vigotskiana.

Metodologia

Este trabalho adota a Análise do Discurso francesa (AD) como procedimento de descrição e interpretação de processos discursivos e

¹ Licenciado em Letras. UNISO. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2875-1906>. E-mail: quivolro@gmail.com

² Pós-doutora e doutora em LAEL- PUC SP, PPG-Educação/UNISO, Letras /UNISO. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0331-545X>. E-mail: daniela.zanella@prof.uniso.br

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES 10 ANOS DE REVISTA INTERNACIONAL - RIFP Itapetininga, São Paulo, 23 de maio de 2026

ideológicos. A AD apreende articulações entre a língua, o discurso e um sujeito determinado pela ideologia e pelo inconsciente (Orlandi, 2015). Parte-se do pressuposto de que identificar o funcionamento do discurso permite examinar a pertinência pedagógica de seus efeitos em contextos educacionais, sobretudo quando materiais formativos orientam modos de perceber, narrar e valorar a experiência estética.

Pêcheux (2014) retoma o conceito de ideologia de Althusser (2023), para quem a interpelação ideológica constitui a subjetividade. Esse processo é ilustrado quando um policial interpela um pedestre que, ao voltar-se, reconhece-se como aquele que foi chamado. Tal reconhecimento constitui posições subjetivas em contextos sociais. Os autores acrescentam que esse processo é apagado na consciência dos sujeitos, que passam a se representar como livres e autônomos.

No entanto, segundo Pêcheux (2014, p. 277), não há ritual sem falhas. Nos pontos em que a interpelação falha, a AD identifica a irrupção do inconsciente, compreendido de acordo com a acepção psicanalítica, lugar da resistência e dos deslocamentos de sentido (Orlandi, 2015).

A AD supõe que da tensão entre ideologia e inconsciente decorrem formações discursivas (FD) contraditórias. Elas determinam o que pode e deve ser dito em determinada conjuntura histórica (Pêcheux, 2014, p. 147) e materializam formações ideológicas (FI) ligadas a posições de classe em conflito (Freire, 2021, p. 17). Embora o conceito de interpelação explique a identificação dos sujeitos com a FI dominante, o deslocamento de sentidos permite a contraidentificação com FIs subversivas.

Mantendo em vista os objetivos desta discussão, os efeitos discursivos dos manuais são analisados por meio de um dispositivo interpretativo que observa pontos em que o enunciado se abre à deriva de sentidos. Para Orlandi (2015), conceitos como paráfrase, polissemia, metáfora e metonímia permitem contrapor formulações associadas a FDs antagônicas e apreender deslizamentos inconscientes. Esse percurso analítico busca identificar efeitos discursivos dos enunciados sobre o sujeito em formação estética e silenciamentos de práticas pedagógicas alternativas.

Fundamentação teórica

Para abordar os efeitos pedagógicos dos manuais de roteiro, é preciso considerar seus contextos de circulação. Maras (2009, p. 25) afirma que a maioria desses livros se dirige a iniciantes e opera uma diferenciação entre práticas legítimas e ilegítimas de escrita. Connor (2010, p. 119, tradução nossa) argumenta que esses textos constituem “zonas de inteligibilidade onde os códigos e convenções de escrita para as telas foram esculpidas e legitimadas”, sendo amplamente utilizados em cursos superiores e por autodidatas. Por isso, os manuais são aqui compreendidos como dispositivos de formação. Embora esses materiais tenham como destinatário mais imediato o sujeito interessado

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES 10 ANOS DE REVISTA INTERNACIONAL - RIFP Itapetininga, São Paulo, 23 de maio de 2026

na escrita cinematográfica, sua análise permite compreender mecanismos mais amplos de formação estética, isto é, modos pelos quais determinados discursos ensinam o que deve ser reconhecido como criação legítima, narrativa adequada e experiência audiovisual válida. Essa questão se articula à formação docente porque o professor, ao trabalhar com linguagens artísticas e midiáticas, também participa da mediação desses critérios de leitura, apreciação e produção cultural.

Considera-se também a relevância da perspectiva sócio-histórico-cultural sobre a formação estética. Conforme Silva e Magiolino (2024), a psicologia vigotskiana compreende a reação estética como superação e transformação de vivências. Em contextos educacionais, o ensino da criação artística fundamenta-se no estímulo à potência criadora, isto é, na possibilidade de que os sujeitos aprendam a “dominar o sistema de suas vivências, a vencê-las e superá-las” (Vigotski, 2003 *apud* Silva; Magiolino, 2024, p. 272). No campo da formação docente, essa perspectiva permite compreender a estética não como dimensão acessória, mas como parte da constituição dos sujeitos e das práticas pedagógicas, uma vez que ensinar também implica criar mediações para que os estudantes interpretem, expressem e transformem suas experiências por meio de diferentes linguagens.

Esse quadro teórico é mobilizado para discutir os efeitos discursivos dos manuais de roteiro de cinema identificados por Roza (2024), que aponta a prevalência da FD da transparência e da FI da indústria cultural nesses textos.

Adorno e Horkheimer (1985) utilizam o conceito de indústria cultural para descrever a relação entre arte e capitalismo. De acordo com os autores, a racionalidade exigida pela classe burguesa para a produção em massa conduz à padronização estética e condiciona os consumidores a expectativas pouco subversivas.

No cinema, Xavier (2005) descreve dois discursos antagônicos: o da transparência, marcado pelo efeito-janela e pela identificação do espectador com a narrativa, dominante em Hollywood; e o da opacidade, que desnaturaliza convenções e revela o aparato cinematográfico, comum em vanguardas críticas. Roza (2024) identifica proximidades entre a estética da transparência e os interesses da indústria cultural.

Resultados

A análise de Roza (2024) sobre Field (2001) destaca trechos em que o cinema aparece subordinado à narrativa dramática estruturada, revelando afinidade com a FD da transparência e com a FI da indústria cultural.

Para esta discussão, importa o trecho: “O que é um roteiro? Bem, não é um romance e certamente não é uma peça de teatro” (Field, 2001, p. 1). Em seguida, romance e teatro são definidos pela ênfase no universo mental do protagonista e na palavra oral, respectivamente. Entretanto, a história do cinema permite encontrar contraexemplos a essas afirmações, como a vanguarda surrealista e o teatro filmado de seus primórdios (Xavier, 2005).

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES 10 ANOS DE REVISTA INTERNACIONAL - RIFP Itapetininga, São Paulo, 23 de maio de 2026

Portanto, o deslizamento metafórico entre “roteiro”, “não romance” e “não teatro” contribui para silenciar possibilidades artísticas reais no processo de formação estética. Em termos pedagógicos, esse gesto discursivo interessa à formação docente uma vez que evidencia como certos materiais ensinam a reconhecer algumas formas de criação como legítimas e outras como inadequadas, produzindo critérios que podem ser reproduzidos em práticas educativas sem a devida problematização.

Segundo a perspectiva sócio-histórico-cultural, pode-se interpretar esse gesto como imposição de um interesse exterior ao do educando: o da FI da indústria cultural. Isso limita a potência criadora ao restringir recursos disponíveis ao sujeito em formação para a superação de suas vivências e a emancipação. No caso da formação docente, tal limitação torna-se especialmente relevante, pois o professor, além de produzir sentidos sobre a linguagem audiovisual, também pode mediar, ampliar ou restringir as possibilidades de criação dos estudantes em contextos multiculturais (Rojo, 2012).

Quanto a McKee (2006), Roza (2024) identifica relações construídas pelo texto entre narrativa e “verdade” e entre recursos audiovisuais e “artifício”, reforçando afinidade com a FI da transparência e a FI da indústria cultural.

McKee (2006, p. 24) afirma que acontecimentos mundiais e pessoais geralmente controlam as pessoas. Em nenhum caso se enfatiza a agência do leitor, colocado em posição de passividade. Em seguida, o autor define o papel das histórias como forma de “organizar o caos” (McKee, 2006, p. 25) e as associa a verbos epistêmicos, e não a ações transformadoras. Conforme a construção discursiva, restaria ao sujeito apenas a possibilidade de organizar os seus próprios pensamentos sobre uma vida inerentemente caótica.

Sob a perspectiva pedagógica adotada, essa posição passiva pode ser problematizada. Novamente, identifica-se a imposição dos interesses da FI da indústria cultural. A redução da agência criadora do sujeito se explicita em uma justificativa posterior de McKee (2006, p. 26), segundo a qual o declínio da narrativa seria negativo porque “o centro não pode suportar”. Aliada à ênfase na impotência, essa colocação contribui para limitar a potência criadora do educando. Na formação docente, esse ponto é decisivo porque desloca a linguagem audiovisual de prática de criação e intervenção para mera ordenação da experiência, o que reduz sua dimensão crítica e transformadora.

A discussão sugere a necessidade de problematizar materiais utilizados na formação artística e considerar a disputa de sentidos no campo cinematográfico como dimensão essencial da formação estética docente. A partir da psicologia sócio-histórico-cultural e da AD, convém examinar as possibilidades de deriva discursiva que se manifestam nos manuais. A abertura a outros discursos cinematográficos, à interface entre cinema e outras artes e ao estímulo da transformação social aponta alternativas para futuras pesquisas no campo da formação estética de professores.

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES 10 ANOS DE REVISTA INTERNACIONAL - RIFP Itapetininga, São Paulo, 23 de maio de 2026

Desse modo, os manuais de roteiro constituem materialidades discursivas que permitem problematizar formas de ensinar criação, apreciação e produção de sentidos sobre o audiovisual. Ao evidenciar efeitos de padronização, silenciamento e passivização, o estudo contribui para pensar uma formação docente capaz de tensionar modelos estéticos dominantes e ampliar possibilidades de mediação pedagógica com linguagens artísticas e midiáticas.

Referências

- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- CONOR, B. E. **Screenwriting as creative labour: Pedagogies, practices and livelihoods in the new cultural economy**. 2010. Tese (Doutorado em Media, Communications and Cultural Studies). Goldsmiths, University of London, Londres, 2010.
- FIELD, S. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FREIRE, S. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. 2 ed. Manaus: EDUA, 2021.
- MARAS, S. **Screenwriting: history, theory and practice**. Londres: Wallflower Press, 2009.
- MCKEE, R. **Story: substância, estrutura, estilos e os princípios da escrita de roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ROZA, G. V. **Opacidade e transparência: uma análise do discurso de manuais de roteiro de cinema**. 2024. TCC (Graduação em Letras: Português/Inglês) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uniso.br/handle/uniso/1854>. Acesso em: 01 mai. 2026.
- ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.
- SILVA, D. N. H.; MAGIOLINO, L. Educação estética: princípios e fundamentos a partir das elaborações de LS Vigotski. **Cadernos CEDES**, v. 44, n. 124, p. 268-279, sep./dec. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC287818>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/NVWHfWH6t6FPRgCFPZByf7Q/?lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2026.
- XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.